RESENHAS

CORRÊA, Manoel Luiz Gonçalves. *Linguagem e comunicação* social: visões da lingüística moderna. São Paulo: Parábola, 2002.

CORRÊA, Manoel Luiz Gonçalves. O modo heterogêneo de constituição da escrita. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

UMA LIÇÃO DE RESPEITO

s publicações no campo da lingüística – sobretudo aquelas resultantes de pesquisas acadêmicas – correm o risco de polarização entre o apego à tradição e a adesão incondicional à novidade. É gratificante ler trabalhos que superam esse risco e avaliam com isenção as contribuições de diferentes correntes.

Um segundo perigo que ronda os mesmos ensaios é o de alongar-se excessivamente nos conceitos teóricos, esquecendo-se de responder a uma questão central: de que modo fazer uma ponte entre esses conceitos e a sala de aula? Como indicar a alunos de língua materna — em nível fundamental, médio ou superior — instrumentos atualizados que os ajudem a assumir plenamente seu papel de leitores e produtores de textos? Como levá-los a refletir sobre o uso da língua portuguesa nas mais diversas situações e contextos? Felizmente, esse tipo de preocupação cresce pouco a pouco, como ilustram publicações recentes.

Situam-se nessa linha dois livros do mesmo autor, Manoel Luiz Gonçalves Corrêa: Linguagem e comunicação social, de 2002, e O modo heterogêneo de constituição da Escrita, de 2004, daqui em diante indicados respectivamente pelas iniciais LCS e MHCE.

Os dois livros aglutinam a dupla experiência — em pesquisa e docência — do autor que atuou junto a alunos do Curso de Comunicação Social ao mesmo tempo que desenvolvia sua pesquisa de doutorado. Conquanto autônomas e independentes, as duas obras compartilham características comuns: o constante ir e vir da teoria à prática; a retomada criteriosa de diferentes teorias sobre linguagem e comunicação; o horizonte voltado para a prática pedagógica; a clareza na apresentação de conceitos; e o apuro de linguagem.

A mais recente, MHCE, resulta de tese de doutorado. Para comentar "o modo heterogêneo de construção da escrita", o ensaio debruça-se sobre a produção textual de jovens redatores. Apoiado por amplo referencial teórico, analisa "redações de vestibular" de forma rigorosa e inovadora. Tendo como hipótese organizadora o caráter dialógico como modo de constituição da escrita, a pesquisa direciona-se para a busca dos rastros de individuação do sujeito-redator, evidenciada pelas marcas do já falado/ouvido e do já escrito/ lido na produção textual dos candidatos. Levando em conta a interdiscursividade inerente à constituição do discurso, as análises apontam os diferentes modos como se estabelece a relação entre o escrito e o vivido. Ou, dizendo de outra forma, de que maneira a escrita resulta em uma forma de inserção no mundo.

Nessa linha de raciocínio, as análises preocupam-se em salientar o que (e como) o candidato procurou dizer, em vez de avaliar o que faltou dizer. Algumas delas desvendam exemplos de "erros" ou "inadequações", reconsiderando-os de uma nova perspectiva: trata-se de indícios das "dicas" dadas por professores. Em todos os momentos, o modo de tratar o objeto de estudo é isento de preconceitos, o que não o impede de ser cientificamente rigoroso. O desejo de dar ao aluno a oportunidade de reflexão sobre o processo da escrita — e sobre o seu próprio papel de autor —, implícito em

todo o livro, é claramente expresso em algumas passagens, como ilustra um trecho da conclusão:

Reintroduzir, no ensino de língua portuguesa, uma visão lingüística sobre a escrita significa trazer de volta a questão das variações e da heterogeneidade que constituem a língua. Mas não apenas isso. Em termos de prática pedagógica, talvez signifique reintroduzir também um outro discurso sobre a escrita (...) explorar a reflexão do aluno sobre a escrita e sobre a sua própria constituição como escrevente (op. cit. p. 297).

A mesma atitude transparece na publicação anterior, ilustrando um proposta que busca "explorar a reflexão do aluno sobre a escrita e sobre sua própria constituição como escrevente". LCS foi redigido com a finalidade de ser utilizado com alunos de Comunicação Social, como indica o próprio título. O autor testemunha que decidiu criá-lo, ao constatar o quanto são limitados — embora úteis — os "manuais de redação" de grandes jornais que propõem sugestões de caráter técnico, mas não dão margem a uma reflexão aprofundada sobre as diversas concepções de linguagem. Inspirando-se em sua própria prática de docente e de pesquisador, Manoel Gonçalves Correa aponta um novo caminho: buscar a contribuição da lingüística, para tornar mais abrangente a formação dos futuros profissionais da imprensa escrita ou falada.

Com essa finalidade, o livro retoma algumas idéias seminais de correntes teóricas importantes, em sete capítulos com a mesma organização. Cada um deles apresenta um recorte teórico de forma clara, sem abrir mão do rigor nem da nomenclatura precisa para explicitar os conceitos tratados. O texto é didático, mas não, facilitador. Alguns comentários propiciam um paralelo entre dois ou mais autores e/ou correntes, posicionando com nitidez as diferenças de enfoque que apresentam. O livro se desenvolve em um processo em espiral: cada capítulo, ao apresentar um tópico novo, estabelece um diálogo com o que já foi visto, retomando de modo cada vez mais abrangente os conceitos abordados.

Complementarmente, o arremate de cada capítulo traz uma sugestão de aplicação prática de produção textual que propicia uma

reflexão sobre o tema tratado na primeira parte. Além dessa finalidade específica, todas as atividades têm uma marca comum: visam a levar os leitores a refletir sobre as concepções de linguagem e sobre a forma como se manifestam em diferentes tipos de texto.

Além da operacional conexão entre teoria e prática, outra particularidade do livro resulta do tom crítico que perpassa a parte teórica, ao apresentar e, sobretudo, comparar diferentes concepções de linguagem como as de Saussure, Benveniste, Austin, Pêcheux, Bakhtin, Benjamin, Jakobson, dentre outros.

Talvez, a esta altura, o leitor desta resenha questione: Linguagem e comunicação social é de difícil leitura? Responder "sim" seria ignorar o caráter sintético, didático e bem organizado da obra, além de seu tamanho reduzido. São apenas 92 páginas de texto — muito bem diagramadas — além da "bibliografia", do "índice onomástico" e da "notícia bibliográfica dos principais teóricos mencionados".

Responder "não" seria menosprezar o rigor e a abrangência do trajeto teórico percorrido ao longo dos sete capítulos. A obra é densa e deve ser lida com atenção. Mas as dificuldades são vencidas sem problemas, pela própria leitura.

Agora, sou eu quem pergunta: por que esta obra deveria ficar restrita a alunos de Comunicação Social? Por que não estender seu uso a alunos universitários de outros cursos? Dentre outros, os de Letras?...

Entre os dois livros, é nítido o diálogo e evidente a complementaridade. Conquanto sejam obras independentes, a leitura de um ajuda a melhor compreender o outro. Nos dois casos, o leitor ganha de brinde uma inspiradora lição de respeito.

> Norma Seltzer Goldstein DLCV – FFLCH – USP